



RENATA CALDAS/CP/D'A PRESS

Manoel de Barros aposentou a máquina de escrever e produz à mão, com tocos de lápis, os poemas que perseguem a gramática do chão

# Lirismo DOS DIAS

Aos 97 anos, Manoel de Barros mantém rotina de trabalho criativo e prepara novo livro de poemas. Ele confessa admiração por Guimarães Rosa e Padre Vieira e diz que o Brasil já tem poetas demais

**BIANCA MAGELA MELO**

Em qualquer parte e para todos que se aproximam ele é “o poeta”. Manoel de Barros responde com um sorriso espontâneo e quando fala ergue devagar as mãos e firma no interlocutor os olhos pretos pequenos sob a lente dos óculos. Nosso olhar pega-o à vontade em sua casa em Campo Grande (MS), de blusa branca de botão e calça azul de tecido leve. É um homem bem cuidado e recende, mesmo na simplicidade de suas escolhas, o tratamento carinhoso de uma esposa dedicada e das companhias que o cercam. A esposa é Stella, mineira de 91 anos, casada com Manoel há 65. O outro remédio para a vivacidade que se vê ao olhar para esse senhor de 97 anos é seu namoro antigo com a poesia. O relacionamento é mantido com disciplina: todas as suas manhãs são dedicadas ao ofício.

Fica no segundo andar de sua casa o espaço de fazer poesia ou lugar de ser inútil, como brinca Manoel. O pequeno escritório retine os tesouros do poeta: os livros preferidos, dicionários, sua escrivaninha, dezenas de pequenos cadernos com anotações, tocos de lápis – desde que alguns dedos da mão esquerda ficaram “esquecidos”, ele só escreve a lápis com a mão direita; não usa mais a máquina de datilografia. É para esse cômodo que Manoel vai todas as manhãs depois de se levantar e tomar café. O namoro pede que ele fique lá entre as 6h e as 11h, lendo, relendo, escrevendo, ouvindo música clássica, pensando, contemplando.

Em março, circularam boatos de que Manoel de Barros seria um dos brasileiros indicados ao Nobel de Literatura. A academia sueca, responsável pela escolha, não divulgou os nomes dos concorrentes antes da lista final. Manoel tem sido condecorado com muitos prêmios nos últimos anos. Ao longo da vida, ele já havia recebido alguns expressivos, como o Jabuti e o Nestlé de Poesia. Em 2012, o volume com sua *Poesia completa* foi agraciado com o Prêmio Português de Literatura Casa de América Latina/Banif e *Escritos em verbal de ave*, seu último livro, foi o vencedor do prêmio da Academia Brasileira de Letras na categoria poesia.

É um momento de reconhecimento de sua poesia ancorada na infância, criadora de imagens, zombadora do sério, primitiva, para usar um adjetivo que ele mesmo, que não gosta de adjetivos, emprega. As notícias sobre a reverência à sua obra chegam ao poeta quase sempre por meio das muitas correspondências que o carteiro entrega na sua porta. Ele, no entanto, concentra sua energia no trabalho em seu cômodo de fazer poesia, pinçando na imaginação pistas sobre o sentir e o não sentido do mundo. Apesar de ter mobilidade e a mente ativa, praticamente não sai mais de casa nem para ir à sua fazenda, no Pantanal. É assim desde 2007, quando o filho mais novo, João, morreu em um desastre de avião. A visão e a audição lentamente vão sendo modificadas, lançando o poeta mais ainda para o seu mundo. É Martha, a filha artista plástica e ilustradora de parte de sua obra, quem vai a algumas cerimônias representando-o.

**VAGABUNDAGEM PROFISSIONAL** Sobre seu ofício, Manoel escreveu certa vez: “Nasci para administrar o à toa/ o em vão/ o inútil.” A poesia, “a mais verdadeira maneira séria de não dizer nada”, importariam as coisas que não levam a nenhum lugar. O poeta que enaltece a “vagabundagem profissional” e o estar à toa tem para si um sentido especial de ócio. Estar consigo, com sua imaginação, suas leituras e prazeres solitariamente é o ócio de

Manoel. Para sorte dos seus apreciadores, sua vagabundagem gera poemas em ritmo e vigor. A fase iniciada em 2000 é a mais produtiva editorialmente. Manoel lançou, desde então, 11 livros de um total de 25 ao longo de quase 80 anos de escrita lírica.

Seu editor atual, Pascoal Soto, da Editora Leya, espera um novo livro sem, contudo, ter certeza e sem cobrar qualquer prazo. “Nunca sei quando vai chegar um livro dele, mas estou sentindo no ar que vem um novo livro nos próximos dias”, diz em tom misterioso e afirmando possuir um bom sexto sentido. O mais recente do poeta, *Escritos em verbal de ave* (2011) homenageou Bernardo, o “outro” mais presente na poesia de Manoel. Alter ego, cupincha, aliado para saltos e cambalhotas com a língua e com a lógica, Bernardo é também o nome de um peão da fazenda de Manoel no Pantanal. O livro ousa no formato dobradura: todos os pequenos versos estão em uma mesma folha na cor laranja dobrada. E no conteúdo: Bernardo é quem assina os versos. Antes, um poema-apresentação anuncia que são escritos póstumos: “Deixamos Bernardo de manhã/ em sua sepultura/ De tarde o deserto já estava em nós”.

Para Manoel, a poesia esteve presente desde muito cedo no olhar do menino para as pessoas e coisas do seu entorno. Segundo um de seus livros, o primeiro poema teria sido feito aos 13 anos: “Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem”, disse ao olhar, do Pantanal, onde morou, para os longes da Bolívia. Foi a primeira “iluminura” que fez a mãe dizer: “Agora você vai ter que assumir as suas irresponsabilidades”. Compreendendo o peso das palavras da mãe, ele diz ter assumido, entrando “no mundo das imagens”.

Na fase de ginásio, foi estudar em colégio interno no Rio de Janeiro sob a custódia de padres maristas, que o apresentaram à literatura quatrocentista portuguesa. Ao sair do internato, passou a viver em uma pensão a fim de se preparar para o vestibular de direito. Nessa época, ele reuniu em uma encadernação manual intitulada *Nossa Senhora da minha escuridão* poemas do seu primeiro livro, do qual só ficou uma história curiosa: suspeitando de que Manoel pudesse estar disseminando material comunista, a polícia invadiu seu quarto e apreendeu o original.

O primeiro livro publicado foi *Poemas concebidos sem pecado*, em 1937, prosa poética iniciada com a história do menino Cabeludinho, que deixou a família para estudar no Rio de Janeiro e voltou ateu. Manoel tinha 21 anos e a certeza do que queria fazer. Muitas décadas correram até chegar um reconhecimento maior, o que possivelmente explica o volume de produção grande nos últimos anos. Manoel já era um senhor de mais de 70 anos quando Millôr Fernandes descobriu seus poemas e escreveu uma crítica fazendo estardalhaço sobre certo poeta “de verdade” que o Brasil precisava conhecer.

Manoel, que nasceu em Cuiabá e foi menino para o Pantanal, viveu quase 40 anos no Rio de Janeiro. De lá, migrou uma vez mais para o Pantanal, para suceder ao pai na administração da fazenda de gado da família. Dez anos à frente da fazenda e o poeta quis mudar de novo. Foi com a mulher e os três filhos para Campo Grande, sua atual morada. Foi ali que escreveu quase todos os seus livros. As “iluminuras” do poeta maduro tomaram forma no escritório doméstico, de onde o sexto sentido do seu editor espera um conjunto de escritos que pode ser a mais nova demonstração do vigor impressionante de Manoel de Barros.

● Bianca Magela Melo é jornalista.

## Lampejos de Manoel

### ● Paixão literária

“Sou fanático pelo padre Antônio Vieira. Li todos os livros dele e estou relendo agora. Não sei gramática. Aprendi a escrever lendo Vieira. Porque ele escrevia numa harmonia total. Tenho hoje também grande admiração pelo Guimarães Rosa, que modificou a língua portuguesa do ponto de vista linguístico. A minha sedução pelo Vieira é a mesma que tenho pelo Guimarães Rosa. Eles são transformadores da língua portuguesa, são criadores.”

### ● Valores para viver

“Eu sou um ser humano cristão. Já fui comunista. Amar o próximo como a si mesmo é o negócio mais importante pra mim. Uma coisa que acaba com o comunismo é amar o próximo. O ser humano nunca vai chegar a amar o próximo como a si mesmo. Ele consegue ser a vida inteira para ganhar dinheiro, para roubar do outro, para tirar do outro. Você acha que Stalin poderia fazer alguém puro, um São Francisco de Assis? Eu acho que amar o próximo como a si mesmo é a chave do ser humano.”

### ● Livro roubado

“Quando escrevi meu primeiro livro, a polícia roubou. Fui preso como membro do regime comunista. Os policiais apareceram na pensão onde eu morava, começaram a vasculhar e descobriram esse livro, que ainda era um manuscrito. A dona da pensão, que era uma índia, falou ‘esse menino aí não é comunista, não’. Eles deixaram o assunto, mas levaram o livro. Eu sempre digo que a única ação boa da polícia foi essa, porque o livro era ruim.”

### ● Poeta e moscas

“Levanto, tomo meu chá, essas coisas e vou para o escritório. Desço de lá às 11h, aí vou tomar um aperitivo. Tem um uísque bom aí. Recebo sempre pinga de Minas, mas agora eu dispensei. O médico falou: ‘Pinga te faz mal, uísque é melhor’. Tomo aperitivo, vou almoçar, vou deitar um pouco. De tarde, ler jornal, coisas que chegam pra mim. Todo dia vem correspondência, vem livro novo. O Brasil tem mais poeta do que mosca.”